



Acta Paulista de Enfermagem

ISSN: 0103-2100

ape@unifesp.br

Escola Paulista de Enfermagem

Brasil

de Oliveira Fernandes, Amanda; de Oliveira Santos Júnior, Hudson Pires; Rosa Gualda, Dulce Maria

Gravidez na adolescência: percepções das mães de gestantes jovens

Acta Paulista de Enfermagem, vol. 25, núm. 1, 2012, pp. 55-60

Escola Paulista de Enfermagem

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307023882010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Gravidez na adolescência: percepções das mães de gestantes jovens*

Adolescent pregnancy: perceptions of mothers of young pregnant women

Embarazo en la adolescencia: percepciones de las madres de gestantes jóvenes

Amanda de Oliveira Fernandes¹, Hudson Pires de Oliveira Santos Júnior², Dulce Maria Rosa Gualda³

RESUMO

Objetivo: Conhecer as experiências e percepções de mães cujas filhas engravidaram durante a adolescência. **Métodos:** Pesquisa de abordagem qualitativa, realizada em hospital de ensino na cidade de São Paulo, com coleta de dados realizada por meio de roteiro de entrevista semiestruturada e com participação de dez mães de adolescentes. **Resultados:** Antes da gravidez, as mães orientaram as filhas a respeito da sexualidade, o que originou sentimentos de surpresa quando souberam da gravidez. Apesar disso, as mães fizeram-se presentes em todo o processo gravídico-puerperal. Não foram identificadas mudanças significativas no relacionamento familiar em função da gravidez precoce. **Conclusão:** A figura materna surge como representativa, tanto durante como após a gestação da adolescente, fato que propicia o suporte, a fim de que a adolescente tenha gestação mais segura e para que possa retomar seus projetos de vida.

Descritores: Gravidez na adolescência ; Percepção; Mães; Saúde da mulher; Relações familiares

ABSTRACT

Objective: To identify the experiences and perceptions of mothers whose daughters became pregnant during adolescence. **Methods:** Research of a qualitative approach, conducted in a teaching hospital in the city of São Paulo. Data were collected using semi-structured interviews, with ten mothers of adolescents. **Results:** Before pregnancy, mothers guided daughters about sexuality, which led to feelings of surprise when they learned of the pregnancy. Nevertheless, the mothers were present throughout the pregnancy and childbirth process. Significant changes in family relationships were not identified as a result of early pregnancy. **Conclusion:** The maternal figure emerges as a representative, both during and after adolescent pregnancy, a fact that provides support in a safer teen pregnancy, and the return to projects of their lives.

Keywords: Pregnancy in adolescence; Perception; Mothers; Women's health; Family relations

RESUMEN

Objetivo: Conocer las experiencias y percepciones de madres cuyas hijas se embarazaron durante la adolescencia. **Métodos:** Investigación de abordaje cualitativo, realizado en un hospital de enseñanza en la ciudad de Sao Paulo, con la recolección de datos llevado a cabo por medio de una guía de entrevista semiestructurada y con la participación de diez madres de adolescentes. **Resultados:** Antes del embarazo, las madres orientaron a sus hijas respecto a la sexualidad, lo que originó sentimientos de sorpresa cuando supieron del embarazo. A pesar de eso, las madres se hicieron presentes en todo el proceso gravídico-puerperal. No fueron identificados cambios significativos en la relación familiar en función del embarazo precoz. **Conclusión:** La figura materna surge como representativa, tanto durante como después de la gestación de la adolescente, hecho que propicia el soporte, a fin de que la adolescente tenga gestación más segura y para que pueda retomar sus proyectos de vida.

Descriptores: Embarazo en adolescencia; Madres; Percepción; Salud de la mujer Relaciones familiares

* O estudo realizado no Alojamento Conjunto (AC) da Divisão de Enfermagem Materno-Infantil (DEMI) do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HU/USP) - São Paulo (SP), Brasil.

¹ Acadêmica em Enfermagem da Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil. Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq.

² Pós-graduando (Doutorado) em Enfermagem no Programa Interunidades de Doutorado pela Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil. Bolsista EAPESP.

³ Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida no campo de estudos sobre gravidez na adolescência, definida pela Organização Mundial de Saúde como aquela que ocorre entre 10 e 20 anos incompletos, distinguindo-se a adolescência inicial (10 a 14 anos) e a adolescência final (15 a 20 anos). No Brasil, dos 2,9 milhões de nascimentos ocorridos em 2008, estima-se que 20% correspondam a mães na faixa etária de 15 a 19 anos. Já as mães com idade entre 10 e 14 anos respondem por cerca de 1% desses nascimentos⁽¹⁾.

A adolescência é caracterizada por uma série de transformações que marcam esse complexo momento de transição, que pode se tornar ainda mais difícil quando ocorre uma gravidez. Ao se tornar mãe, a adolescente interrompe o curso natural de sua idade e depara-se com inúmeras responsabilidades⁽²⁾. A gravidez na adolescência torna-se um fenômeno transformador que acarreta mudanças no meio em que estas jovens estão inseridas.

Se, para a adolescente, a gravidez significa reformulação dos planos de vida e necessidade de assumir papel para o qual, talvez, ainda não esteja preparada, para seus pais tal experiência é marcada por sentimentos de surpresa e pelo questionamento: “onde foi que eu errei?”. O fato denuncia um fenômeno muitas vezes ignorado no ambiente familiar, que é a educação quanto à sexualidade na adolescência⁽³⁾.

Por outro lado, um estudo mostra que as mães de gestantes adolescentes, que também passaram pela experiência da gravidez na adolescência, são mais compreensíveis à problemática vivenciada pelas filhas. Não que sejam favoráveis ao evento. Mas, por terem conhecimento dos receios da maternidade nessa fase da vida, acabam se tornando a principal fonte de apoio das filhas⁽⁴⁾.

Pesquisa antropológica identificou que a gestação das adolescentes traz mudanças significativas no comportamento das famílias, sendo a figura materna ressaltada como fonte de apoio e manutenção da estrutura familiar. Foi também reconhecida a importância do apoio emocional, afetivo e de fonte de informação durante todo o processo gestacional, considerados como fatores decisivos para o ajustamento à gestação e ao papel materno⁽⁵⁾.

No papel desempenhado pelas mães frente à maternidade das filhas adolescentes, verificam-se situações típicas: em alguns casos, as mães (avós) assumem a responsabilidade pelo cuidado do bebê, interferindo e inibindo a maternidade adolescente, por não confiarem em sua maturidade; em outras situações, ficam disponíveis apenas como fonte de apoio, deixando a adolescente assumir seu papel materno⁽⁴⁾.

Assim, nota-se que o grupo familiar é a referência na qual se baseia a vida da adolescente. O modo como a família trabalha no contexto da gestação, sua colaboração e apoio, sobretudo a relação mãe e filha, é extremamente

importante para o afloramento dessa nova mãe e desenvolvimento do bebê.

Temas que envolvem as razões que levam uma adolescente a engravidar, bem como a perspectiva da adolescente com relação a este evento, são objeto de muitas publicações na literatura científica atual^(2,4-5); porém, no que se refere à visão dos familiares, sobretudo a experiência das mães das gestantes jovens, deparamo-nos com uma produção científica incipiente. Conhecer as diferentes dimensões desse processo possibilita planejar o melhor modelo assistencial para o grupo de gestantes adolescentes e suas famílias.

OBJETIVO

Conhecer as experiências e as percepções de mães cujas filhas engravidaram durante a adolescência.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritiva. Esta abordagem considera como fonte de estudo a ótica dos indivíduos que vivenciam determinado fenômeno, seu universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes⁽⁶⁾. Assim, na busca de ampliar a compreensão sobre o fenômeno da gravidez na adolescência, o uso da metodologia qualitativa permite conhecer a experiência de mães cujas filhas engravidaram durante esta fase.

O estudo fundamentou-se na Antropologia, que tem como referência a cultura, que representa o conhecimento compartilhado e aprendido de uma sociedade e serve de base para sua ação⁽⁷⁾. Esta abordagem decorre do pressuposto que a gestação na adolescência deve ser compreendida além do processo biofisiológico, pois apresenta características peculiares que têm significado diferenciado para cada mulher, constituindo-se, portanto, em um processo de saúde que traz mudanças significativas para o ciclo de vida.

O estudo foi realizado no Alojamento Conjunto da Divisão de Enfermagem Materno-Infantil do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HU/USP), no período de dezembro de 2009 a março de 2010. Trata-se de uma instituição de referência para as unidades básicas de saúde pertencentes à Coordenadoria de Saúde da Subprefeitura do Butantã, região Oeste do Município de São Paulo. Em relação à parturição, a média é de 320 partos mensais, em torno de 14% desses partos são de adolescentes.

Para compor o grupo de participantes para o estudo, foi realizado contato com as mães das adolescentes durante o período de internação pós-parto no Alojamento Conjunto. Assim, a amostra constituiu-se por 10 mulheres que aceitaram participar e que corresponderam aos seguintes critérios de inclusão: mães cujas filhas

adolescentes tiveram gestação e parto sem intercorrências; parto único e com idade gestacional acima de 36 semanas. Tais critérios foram estabelecidos, para que agravantes, como doenças gestacionais ou parto precoce, não influenciassem na participação da mãe no apoio à adolescente. Como critério de exclusão, adotou-se: mães que referiram não ter tido contato com a filha na gravidez. O encerramento da coleta de dados foi determinado pelo critério de saturação⁽⁸⁾.

A estratégia adotada para a coleta dos dados foi a entrevista semiaberta, por permitir que o entrevistado possa discorrer sobre o tema em questão sem se prender unicamente à indagação formulada⁽⁶⁾. Foi feita também a observação das interações das mães e das adolescentes no período da coleta de dados.

Para a realização da entrevista, as participantes tinham a liberdade de escolher local e horário, de acordo com a preferência de cada uma. Assim, nove entrevistas ocorreram no próprio Alojamento Conjunto do HU/USP, durante a visita das mães às adolescentes no período de internação puerperal. Uma entrevista foi feita na casa da participante. Não foram notadas diferenças entre as entrevistas realizadas na instituição e no domicílio. As entrevistas tiveram duração em torno de 30 a 40 minutos. Houve assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorização para o registro da narrativa por meio de gravador. Para condução das entrevistas, foi usado um roteiro com as seguintes questões norteadoras: “Como foi descobrir que sua filha estava grávida?”, “Como era seu relacionamento com sua filha antes e durante a gravidez?” e “Como você vê sua participação no cuidado de sua filha e neto?”.

As informações obtidas foram tratadas de forma ética, sob absoluto sigilo, com preservação do anonimato, fielmente transcritas pela pesquisadora e sem interferência de pré-julgamentos. Após serem realizadas a transcrição e as releituras dos relatos, iniciou-se a análise dos dados, que foi baseada na análise temática⁽⁶⁾, por meio da qual foi possível identificar categorias. Nesse processo de categorização, os dados foram agrupados, mediante os relatos das percepções de cada entrevistada em relação ao tema abordado.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (Processo nº 854/2009/CEP-EEUSP) e do Hospital Universitário da USP (Registro CEP-HU/USP 960/09), respeitando as exigências da Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Para melhor entendimento dos resultados, apresentamos o perfil das colaboradoras: as mães que participaram da pesquisa encontravam-se na faixa de 34 a 47 anos, seis

eram provenientes da região Nordeste e quatro da Sudeste. Dentre as dez entrevistadas, oito possuíam trabalho remunerado. Quanto ao grau de escolaridade, seis cursaram o Ensino Fundamental incompleto, três concluíram o Ensino Médio e só uma concluiu o Ensino Superior. Em relação ao número de filhos, seis participantes tinham quatro filhos ou mais. Outro dado importante é que nove, dentre as dez entrevistadas, assim como suas filhas, também tiveram o primeiro filho durante a adolescência.

A seguir, apresentamos a descrição das categorias analíticas.

Diálogo entre mãe e filha a respeito da sexualidade antes da gravidez

As mães foram questionadas sobre as orientações que davam às suas filhas com relação à sexualidade na adolescência. Todas as entrevistadas relataram conversar com as filhas sobre o assunto. Com relação ao que abordavam durante os diálogos, algumas referiram orientar suas filhas sobre uso de preservativo para prevenir doenças e evitar a gravidez:

“Eu falava para ela se proteger, usar camisinha, ter cuidado... Então, eu conversava bastante, mas conversa e nada é a mesma coisa!” (M. L. S. O.)

Outra orientou a filha a ir ao Posto de Saúde para ter acesso ao anticoncepcional que era fornecido gratuitamente:

“Eu falei para ela se cuidar. Tem camisinha, tem remédio. No posto, é tudo de graça. Antigamente, não tinha nada de graça.” (M. R. F. Q.)

Outras participantes descreveram a orientação quanto às consequências de uma gravidez na adolescência, como perda da juventude e início precoce da vida adulta, e atentaram para o inconveniente de ter de parar de estudar em razão da criação de um filho:

“Eu sempre falei com ela sobre gravidez na adolescência, eu sempre disse que ela tinha que aproveitar e estudar enquanto é nova. Depois que arruma um filho, a adolescência passa muito rápido.” (M. R. F. Q.)

Sentimentos ao descobrir que a filha estava grávida

As mães descreveram as reações e os sentimentos decorrentes da descoberta da gravidez das filhas adolescentes. Todas as entrevistadas, embora tivessem aceitado a gravidez, demonstraram não ter gostado da notícia ao recebê-la, sendo difícil aceitar tal situação:

“Foi difícil, eu não consegui acreditar. Demorei muito para aceitar, mas já tinha acontecido, não ia adiantar nada brigar. O jeito foi aceitar e ajudar.” (D. S. J.)

As mães também relataram a condição de assustadas, quando souberam da gravidez, pois haviam conversado sobre prevenção com as filhas.

"Foi um susto, porque eu já tinha conversado com ela. Eu falava sempre sobre prevenção." (R. R. M.)

"Foi um choque, depois eu falei: 'eu não vou dizer nada porque também fiquei grávida na idade dela'". (Z. S. S.)

Relacionamento entre mãe e filha e entre outros familiares durante a gestação

A relação mãe-filha durante a gestação da adolescente foi relatada como normal e boa pela maioria das mães. Muitas delas disseram conversar bastante com suas filhas, tentando dar apoio e acompanhando-as durante a nova fase.

"Foi um relacionamento bom. Eu dei muito apoio, conversava bastante com ela. Sempre tentei acompanhar ela no pré-natal, ficar junto dela." (R. R. M.)

Uma das mães relatou que após saber da gravidez, ambas, mãe e filha, ficaram muito nervosas e o relacionamento sofreu alterações.

"De início, eu fiquei muito nervosa; ela ficou também. Ela já era muito estressada. Então, na gravidez, ela ficou mais ainda. Tudo era questão de explodir. Então, foi muito ruim." (E. B. L.)

Além do envolvimento entre mãe e filha durante a gestação, as mães mencionaram que a aceitação dos familiares não se deu de imediato, pois receberam críticas por parte deles.

"Eu acho que todo mundo ficou contra, porque ela era muito novinha. Ai ficou todo mundo falando que era errado, eu estar apoiando. Mas depois a família foi acostumando e agora está tudo bem." (E. B. L.)

"O resto da família foi tudo bem também, mas o pai dela ficou um pouco bravo, só aceitou depois." (M. B. P. S.)

Participação das mães durante o parto das adolescentes

A participação da mãe durante o parto da adolescente deu-se de três formas: mães que participaram desde o trabalho de parto até o nascimento do bebê; mães que acompanharam a adolescente durante o trabalho de parto, mas não assistiram ao nascimento do neto; e mães que não acompanharam o trabalho de parto nem estavam presentes durante o nascimento do neto.

As mães do primeiro grupo relataram que a participação se deu por meio de apoio e diálogo, prestados à filha durante todo o processo do parto. A experiência foi tida como emocionante e inesquecível.

"Eu acompanhei desde a internação. A participação foi boa, acompanhei o nascimento, dei bastante força para ela. Foi inesquecível, emocionante. Muito bom, acompanhar." (R. R. M.)

As mães que participaram do trabalho de parto, mas não puderam participar do nascimento, também relataram ter dado apoio à adolescente durante todo o período. Uma mãe não acompanhou a filha no parto, porque precisou resolver problemas referentes à documentação da filha, sendo substituída, neste momento, pelo pai do bebê.

"Então, eu fui junto com ela, mas eu não estava acreditando que ia ser naquele dia. Quando a médica falou que ia, aí eu me apavorei. Aí meu coração apertou, fiquei com ela todo o tempo. Não assisti [...]. Quem entrou foi o marido. Eu tive que resolver um problema da documentação dela". (S. M. O.)

As que não participaram do trabalho de parto e nascimento do neto, relataram que o fato se deu em razão de intercorrências. Uma das mães trouxe a filha para o hospital, porém teve de cuidar da neta menor de idade, não tendo a possibilidade de participar. Após o nascimento do bebê, ela pôde visitar os dois.

"Não participei. Quando eu a trouxe, eu também estava com minha netinha de 8 anos. Ficamos esperando na rua, já estava esfriando e fui embora. Mas quando nasceu, eu fui visitar." (M. L. C.)

Perspectivas quanto à participação das mães/avós no cuidado do neto

Após o nascimento do bebê, as mães/avós relataram que sua participação seria por meio de apoio e ajuda nos cuidados ao recém-nascido, uma vez que a maioria das adolescentes voltaria a morar na casa dos pais.

"Tem que ajudar agora, dar uns conselhos, explicar o que é certo, e o que é errado. Só quem criou quatro sabe como é cuidar! O que pode ou não comer, o que pode e o que não pode fazer. O mais importante é ensinar ela a amamentar direitinho." (M. L. S. O.)

Durante a entrevista, uma das mães disse que aceitaria participar, auxiliando no cuidado do neto, somente nos casos de reais necessidades da adolescente, como trabalhar. Para outras atividades, como as de lazer, ela se recusaria, por acreditar que a adolescente precisava assumir o compromisso de mãe:

"[...] enquanto ela estiver trabalhando, eu olho. Para farra, eu não olho! Para brincadeira, para balada, eu não tomo conta. Para alguma coisa muito séria, eu posso cuidar." (M. L. C.)

"É aquele negócio: procurar ter o papel de avó e deixar ela ter o papel de mãe. Eu vou dar bastante apoio, porque tenho mais experiência que ela; é o primeiro filho dela, então, eu vou ficar direcionando. Mas não vou cuidar para ela sair para festa ou coisa assim." (R. R. M.)

Relacionamento entre mãe e filha e entre outros familiares após o nascimento do bebê

Com base no relato das mães, verificou-se que o relacionamento entre mãe e filha adolescente mudou para melhor após o nascimento do bebê.

"Nosso relacionamento melhorou porque essa criança aí é uma bênção, uma alegria. Quando eu estou nervosa, eu olho para ele, aí pronto! Eu já fico mais calma, porque eu deixo de fazer de tudo para ficar com ele." (E. B. L.)

"Nossa relação está bem melhor. Eu aprendi a respeitar mais ela. Não vejo mais só aquela minha amiga-filha, também vejo a amiga-mãe." (R.R.M.)

Conforme os relatos das mães, o envolvimento familiar ocorreu de forma positiva após o nascimento do bebê. Elas descrevem sentimentos positivos, como felicidade, alegria e apoio no relacionamento com a adolescente. Mas, algumas também relataram a resistência do pai da adolescente em aceitar a gravidez; posicionamento que se alterou após o nascimento do neto.

“Na minha família estão todos felizes com a vinda do neném. O pai dela é que teve mais dificuldade. De início, não aceitou: nem casamento, nem filho, nem nada! Mas agora já pede para ligar, querendo saber como a filha e o neto estão.” (E.B.L.)

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo permitiram refletir sobre as percepções de mães que se deparam com a situação de ter uma filha adolescente grávida. Os temas que surgiram abrangem, desde as orientações sobre a sexualidade, antes da gravidez, até o relacionamento entre mãe, filha e outros familiares após o nascimento do bebê.

No que se refere à abordagem da sexualidade da adolescente antes da gravidez, as mães foram unânimes em relatar que o assunto estava presente durante os diálogos, porém, muitas evidenciaram que o fato não se mostrou suficiente para evitar o ocorrido. Entre os temas que as mães declararam discutir com as filhas, estavam: a utilização de preservativo durante as relações, como forma de prevenir doenças e evitar a gravidez; o uso de anticoncepcional, aliado ao argumento de ser fornecido gratuitamente em unidades básicas de saúde; e a própria ocorrência de uma gravidez indesejada, associada às consequências, como perda da juventude e interrupção dos estudos.

Em conformidade com esses resultados, outro estudo aponta que pais buscam estabelecer diálogo sobre sexualidade na expectativa de fornecer às adolescentes informações que consideram necessárias. Observa-se que eles conseguem perceber adequadamente o que acontece com suas filhas em termos de sua sexualidade, contudo, não conseguem oferecer orientações sexuais efetivas seja por estimarem equivocadamente o conhecimento das filhas a respeito dos métodos contraceptivos, seja por tentarem postergar a iniciação sexual das jovens ou, então, por sentirem inaptidão para tratar de tais temas⁽³⁾.

No que concerne à notícia da gravidez da adolescente, a reação inicial da maior parte das mães foi de surpresa e descontentamento. As mães relataram sentimentos de susto, dificuldade em acreditar no ocorrido, decepção e tristeza, sobretudo pelo fato de manterem “um diálogo aberto” com as filhas, meio pelo qual forneciam orientações sobre a prevenção da gravidez. Mas, apesar do descontentamento inicial, todas as entrevistadas citaram ter aceitado apoiar a filha durante a gestação. Essa conduta teve como fator favorável o fato de as entrevistadas também terem vivido a experiência de ser mãe durante a adolescência.

A aceitação mostra-se fundamental, para que a adolescente consiga superar as dificuldades de uma gravidez precoce, embora esteja assumindo o papel de mãe, é necessário que também retome alguns projetos de vida, como estudar e trabalhar, após o nascimento do bebê. Tais pretensões, geralmente, são bem vistas e estimuladas pelos familiares, sobretudo pela mãe que pode auxiliar nos cuidados da criança. Assim, há possibilidade de garantir um futuro melhor à criança e também de permitir que a adolescente complete seu desenvolvimento e sua maturação⁽⁹⁾.

No que diz respeito ao relacionamento entre mãe e filha e entre os outros membros da família, não houve relatos de mudanças significativas decorrentes da gestação da adolescente. As mães exerciam seu papel, acompanhando e orientando a filha adolescente durante a nova fase, enquanto o restante da família, apesar das críticas iniciais, compreendeu o fato. Este resultado assemelha-se ao que foi observado em outro estudo, realizado com familiares de adolescentes grávidas, no qual se verificou que a família preocupa-se com o bem-estar físico da adolescente e mobiliza-se, por meio do cuidado e do oferecimento de suporte durante a gravidez⁽¹⁰⁾.

Quanto à participação da mãe durante o parto da adolescente, a maioria participou do trabalho de parto, presenciando o nascimento do neto. Essa experiência foi narrada como emocionante e inesquecível, sendo o trabalho de parto um momento que envolveu sentimentos de medo, ansiedade e expectativa. Conforme um estudo, a presença da mãe nesse período atua como fonte de conforto e apoio, sendo de extrema importância para que a gestante jovem sinta-se mais segura durante o nascimento de seu filho⁽⁹⁾.

Em um estudo antropológico sobre a experiência do parto entre adolescentes de classes populares, constatou-se que estas jovens, impedidas de ter a companhia de um familiar durante o nascimento do filho, vivenciaram a parturição dominadas por sentimentos de medo e dor. O desejo de que a mãe estivesse presente nesse momento foi evidenciado em diversos relatos das adolescentes e vincula-se à relação mãe-filha, de grande importância para a parturiente durante o nascimento de seu bebê. Pois, no processo de tornar-se mãe, a jovem reflete sobre sua situação como filha⁽¹¹⁾.

Em relação ao papel de avó, a participação é vista, tanto na ajuda aos cuidados do recém-nascido como no suporte à filha. Estes resultados equiparam-se aos obtidos em outro estudo⁽⁴⁾, em que as avós, apesar de considerarem um erro a adolescente ter sido mãe, relataram amar a criança e sentiam-se realizadas com o papel que exerciam: o de cuidar e apoiar a mãe adolescente e a criança.

A respeito das mudanças que haviam ocorrido no relacionamento entre mãe e filha adolescente após a chegada do bebê, os dados demonstram que houve melhora nesse relacionamento, sendo o fato relacionado,

pelas entrevistadas, ao maior amadurecimento das jovens que resultou em maior aproximação entre mãe e filha. Outro estudo mostra que o advento da maternidade faz com que as adolescentes amadureçam precocemente, provocando reflexos imediatos em seus comportamentos e tornando-as mais responsáveis⁽¹²⁾.

Quanto aos outros familiares, conforme o relato das participantes, o envolvimento com a adolescente manteve-se semelhante ao que era antes da gravidez. Estes também acabam tomando para si a função de zelar pelo bem-estar do bebê, auxiliando em seus cuidados. Outro estudo também constatou que a família apoia a adolescente no cuidado do filho, tanto no aspecto financeiro, como nos afazeres domésticos. Quando a adolescente precisa trabalhar ou se ausentar, é a família que cuida da criança⁽⁹⁾. A figura paterna foi relatada pelas mães como a que mais teve problemas em aceitar tanto a gestação como a chegada do novo bebê. Na maior parte dos casos, os pais conseguiram superar esse conflito, porém, no discurso de uma das mães, o pai, além de não aceitar a gravidez, também rompeu o contato com a filha, deixando de telefonar e visitá-la.

Frente ao que foi apresentado e discutido, podemos traçar algumas implicações para a prática da enfermagem: na assistência pré-natal e de puericultura, deve-se oferecer a possibilidade de participação conjunta mãe e filha adolescente durante as consultas e orientações, visando às trocas de experiências e valorizando o apoio familiar; outro ponto importante é informar às adolescentes e a seus familiares sobre a possibilidade da presença de um acompanhante no momento do parto. Essa inclusão da mãe das jovens nos processos do ciclo gravídico-puerperal pode favorecer sentimentos de maior segurança à adolescente, bem como maior confiança para desenvol-

ver o papel materno, buscando, como foco, promover a melhor adaptação da adolescente à maternidade, com o fortalecimento dos vínculos familiares e a continuidade dos projetos de vida.

Por fim, podemos apontar as seguintes questões para futuras investigações: “Como se dá a participação do pai durante a gravidez da filha adolescente?”, “Como o apoio da mãe/avó pode contribuir ou comprometer o desempenho da maternidade da adolescente?” e “Qual a percepção da adolescente sobre o apoio familiar?”.

CONCLUSÕES

Neste estudo, identificou-se a figura materna como representativa, tanto durante como após a gestação da filha adolescente, pois é a mãe quem fornece o apoio emocional e, muitas vezes, também o apoio material necessário nessa fase. Assim, o suporte fornecido propicia à adolescente uma gestação mais segura, possibilita que a jovem retome seus projetos de vida e, como consequência, auxilia para que a criança também tenha um futuro melhor.

O estudo forneceu contribuição para construção do conhecimento sobre a gravidez na adolescência, a participação familiar e sua importância nesse fenômeno, uma vez que a família, marcadamente pela figura materna, foi considerada como uma fonte significativa de apoio, para que a adolescente possa dar continuidade aos próprios projetos de vida e cuidar do filho com todas as suas potencialidades.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq pelo apoio financeiro (Processo nº 303311/2010-0).

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde Brasil 2009: uma análise da situação de saúde e da agenda nacional e internacional de prioridades em saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2010. p.21-43.
2. Andrade PR, Ribeiro CA, Ohara CV. Maternidade na adolescência: sonho realizado e expectativas quanto ao futuro. *Rev Gaúcha Enferm.* 2009; 30(4): 662-8.
3. Dias AC, Gomes WB. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estud. Psicol. (Natal)*. 1999; 4(1):79-106.
4. Silva DV, Salomão NM. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estud Psicol (Natal)*. 2003; 8(1):135-45.
5. Ribeiro PM, Gualda DM. Gestação na adolescência: a construção do processo Saúde-Resiliência. *Esc Anna Nery.* 2011;15(2): 361-71.
6. Gomes R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: Minayo MC, organizadora. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17a ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2007. p. 79-106.
7. Merighi MA, Praça NS. *Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
8. Morse J, organizer. *Qualitative nursing research: a contemporary dialogue*. Newbury Park: Sage Publications; 1991. Strategies for sampling; p.117-31.
9. Machado FN, Meira DC, Madeira AM. Percepções da família sobre a forma como a adolescente cuida do filho. *Rev Esc Enferm USP.* 2003; 37(1):11-8.
10. Silva L, Tonete VL. Adolescent pregnancy from a family perspective: sharing projects of life and care. *Rev Latinoam Enferm.* 2006; 14(2):199-206.
11. McCallum C, Reis AP. Re-significando a dor e superando a solidão: experiências do parto entre adolescentes de classes populares atendidas em uma maternidade pública de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad Saúde Pública.* 2006; 22(7): 1483-91.
12. Hoga LAK, Borges AL, Reberte LM. Reasons and consequences of adolescent pregnancy: testimonies of family members. *Esc Anna Nery Rev. Enferm.* 2010; 14(1):151-7.